

ESPERTEZA NO MEIO

* Roberto Rodrigues

Cruz Branca do Meio é uma cidadezinha inventada, um vilarejo encravado no sertãozinho brasileiro, no meio do nada, cercada por terras fracas e topografia complicada, onde a agricultura tecnificada ainda não chegou, e a de subsistência convive com a produção extrativista de leite. Sitiantes trabalham na roça até às 4 da tarde e depois disto se juntam na pracinha para conversar, jogar truco, fofocar, tomar umas e outras no fim da tarde, enquanto suas mulheres preparam a comidinha modesta mas saborosa de todos os dias, esperando pelas novelas da TV.

A vida tem um ritmo modorrento e é raríssimo aparecer alguém que não seja parente dos moradores do Meio.

Meio, porque assim é conhecido o arraial: na estreita estrada de terra que passa por lá, sempre que alguém morre, uma cruzinha é colocada no lugar do passamento. Dizem que havia, lá pelo começo do século passado, 3 cruzeiros assim, branquinhas, uma distante uns 20 quilômetros da outra. O ajuntamento do casario que nasceu na do meio ficou Meio...

Quem já teve oportunidade de conhecer um lugar destes, esquecido do tempo e das modas, perdido na imensidão do interior, sabe que aí existem tipos inesquecíveis, em geral inteligentes, que sobreviveram aos casamentos consanguíneos, espertos, rápidos de raciocínio, que percebem logo as manhas e manias de todo mundo e de cada um, e se divertem com isso. Tudo advinham – quem está saindo escondido com quem, quem está traindo quem, etc – porque qualquer sutilíssima mudança de comportamento (o jeito de andar, de vestir, de conversar) logo é acertadamente interpretada.

Pois bem. Bentão, um caboclo desempenado, alto, voz mansa e grossa, olhos azuis, sempre com um chapelão que lhe escondia a incipiente careca, era o mais importante negociante de gado do Meio. Andava por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso, e até Rio de Janeiro, onde vivia assuntando o guzerá de Macaé. Por isso, era um dos meienses mais viajados. Morava num sítio a 2km da vila, casado com Dorinha, mulher prendada e boa mãe de 2 filhas moças. Mas Bentão tinha um “causo” com uma caboclinha sarará de fora, que ele arranchou numa casinha do outro lado do arraial. Todo mundo sabia, menos a Dorinha. E a Creusa, filha mais velha, perto dos 20 anos, desconfiava bastante, sem certeza.

Todo domingo Bentão saía do sítio e ia ao único açougue do Meio e comprava dois quilos de lingüiça apimentada: um para casa e outro para a caboclinha de fora. Passava pela casinha dela para levar o aperitivo e ficava até perto do almoço. Aí ia pro sítio, para reinar sobre a família.

Um domingo, a Creusa deu de investigar o pai. Uma hora depois que ele saiu, passou no açouguinho e perguntou do Bentão.

- Ih, disse o vendeiro, já passou daqui faz tempo, e levou os 2 quilos de todo domingo.

- Dois? fez a Creusa.

- É, uai, iguar sempre!

Creusa ficou louca, saiu atrás do velho. Na primeira parada topou com o Arnaldo, compadre do pai e, irritada, perguntou dele.

Desconversando, o Arnaldo, assim que a moça saiu brava como uma caninana, correu no cortiço da sarará e gritou o Bentão. Contou tudo pro cumpadre, que nem se abalou:

- Arnaldo, tu vorta lá no açougue, compra mais 1 quilo de lingüiça, entrega pro Cunha da farmácia e fala que eu mandei de presente prele.

Assim foi feito.

Chegando em casa, assobiando tranqüilo, o malandrão recebeu da filha a cobrança pesada: “pra que 2 quilos se aqui só vem um?”

E o Bentão:

- Uai, dei de presente pro Zico da farmácia, que ele gosta muito.

Até hoje, na vila, se narra esta sabedoria do viajante.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**